

Pandemia Aumenta Exploração da Mulher e Escancara Desigualdades

Byanka Arruda

Desde o início da atual pandemia da covid-19 no Pará, cujo primeiro registro da doença foi divulgado no dia 18 de março do ano passado pela Secretaria de Estado de Saúde Pública (Sespa), mulheres de diferentes profissões, especialmente da área da saúde e demais serviços essenciais, estão na linha de frente de combate ao novo coronavírus. Destemidas e aguerridas, médicas, enfermeiras, fisioterapeutas, técnicas em radiologia, seguranças, recepcionistas, maqueiras, porteiras, auxiliares de limpeza, lidam há mais de um ano, ininterruptamente, com um inimigo invisível que já tirou a vida de mais de 15 mil pessoas no Pará. As profissionais da linha de frente de confronto à doença equilibram o próprio medo de serem contaminadas e de contaminar parentes com a doença com a necessidade de ajudar o próximo, de salvar vidas, de devolver a alegria para famílias aflitas que possuem um ente querido acometido pela covid-19.

Conciliar trabalho remoto, cuidado com os filhos e afazeres domésticos durante o período de isolamento social, que já dura quase um ano no Pará por conta da atual pandemia do novo coronavírus, tem sido um grande desafio para todos, mas principalmente para as mulheres que se vêm exaustas diante do acúmulo de tarefas em tempo integral. Se antes da pandemia a jornada feminina dentro e fora de casa já era considerada fatigante pela tripla responsabilidade trabalho-filhos-casa, o home office escancarou a sobrecarga que recai nos ombros das mulheres que precisam dar conta de tudo, muitas vezes sem ajuda.

"A pandemia revolucionou a nossa vida em todos os sentidos. O meu trabalho agora é totalmente remoto e a gente precisou se adequar. Isso significa que o meu trabalho se intensificou muito. Ano passado foi bem difícil, a sensação é que a gente trabalha muito mais agora. Você também tem uma carga, também tem que lavar sua roupa, cuidar das suas coisas. A sensação é de que o trabalho não tem fim", refletiu a educadora e psicóloga Ana Paula Sardinha, que leciona na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). "O nosso próprio espaço como mulher é afetado. O espaço que não é de mãe, não é de profissional, não é de filha, mas é de mulher, ele acaba sendo esquecido também, porque você tem que se adequar a essa realidade, porque você tem uma responsabilidade enorme. É a nossa vida, da nossa família. Então é muito difícil. Acho que o impacto emocional é o mais forte no isolamento", afirmou.

De acordo com a educadora, existe uma cobrança para que as mulheres tenham que dar conta da tríade trabalho-filhos-afazeres domésticos que foi intensificada com a pandemia. Às mulheres, segundo a professora, é negado o direito de cansar, se de aborrecer com a rotina extenuante. Segundo a professora, a sociedade exige da mulher uma postura de heroína em tempo integral e isso não reflete a realidade das mulheres de modo geral, sobretudo na pandemia. "Acho que a pandemia trouxe um desgaste emocional muito grande para todo mundo, mas para a mulher foi muito mais forte isso. A gente tem aquelas coisas de falar 'mulher maravilha', aquele

Byanka Arruda – Jornalista - DRT 0003320/PA. Mestranda em Comunicação (UFPA). Especialista em Comunicação Científica (NAEA/UFPA). Bacharela em Comunicação Social - Jornalismo (UNAMA). Coordenadoria Municipal de Comunicação / Comus Belém. E-mail: byankarruda@gmail.com

estereótipo. Eu particularmente não gosto. Eu entendo que seja um incentivo, um elogio, só que é uma cobrança pela perfeição. A mulher não pode cansar, ela dá conta de tudo e tem horas que a gente não dá conta. Tem horas que a gente também quer ser acolhida, quer ter nosso espaço e o home office é muito difícil nesse sentido. Existe a praticidade de poder estar em casa com segurança, e que bom que eu posso trabalhar em casa, ficar segura, mas existe esse impacto que é muito forte, nesse sentido de você ter que conciliar tudo", ponderou.

Para a professora, os homens, apesar de também estarem confinados por conta da atual pandemia, enfrentam menos dificuldades no trabalho remoto. "Não que isso não tenha impacto para os homens, mas a mulher acaba sentindo mais. Você está numa reunião, o menino está gritando ali. Você está noutra reunião e o menino está aprontando ali. Você não sabe se participa da reunião ou olha para o menino. E são cenas de home office que a gente geralmente não vê acontecendo com os homens com tanta frequência, porque a criança procura a mãe", avaliou.

1. Filhos

Para conseguir trabalhar com mais tranquilidade, a docente precisou elaborar estratégias e montou um escritório 'escondido'. "Eu trabalho num local da minha casa que é tipo um escritório-zinho fechado, escondido, meu filho pensa que eu não estou em casa. Porque de outro modo ele não entenderia. Foi a forma que eu encontrei para conseguir desenvolver meu trabalho dentro de casa, porque é muito difícil para a criança entender que a mãe não vai poder dar atenção para ele agora. Associado a isso, houve uma quebra de rotina da família inteira, porque eu passo a trabalhar em casa e meu filho não está mais na escola. Ele demanda muito, pois é uma idade que ele ainda estava se adaptando à nova escola, à rotina dele", destacou. "E quando as aulas retomaram no formato remoto, ficou mais complicado ainda, porque eu sigo meus horários de aula e eu tenho que me organizar. Tem que conciliar isso com uma criança e com todas as atividades e todos os papéis que a gente desenvolve, que não é fácil no dia a dia. Eu optei por não levar ele à escola e isso teve um impacto também na saúde mental do meu filho. Ele ficou mais ansioso. Ele tinha uma rotina comigo que foi totalmente quebrada", lamentou. "Eu tenho uma pequena rede de apoio, com dois irmãos e a minha mãe, e essa rede de apoio é fundamental. Eu fico imaginando como é para aquela mulher que não tem essa rede de apoio; é muito mais difícil".

2. Profissão Predominantemente Feminina, Enfermagem Enfrenta Pandemia com Bravura

Para a enfermeira Luana Miranda, que trabalha no Hospital e Pronto Socorro Municipal Mário Pinotti (PSM da 14 de Março), participar do processo de restabelecimento da saúde dos pacientes recompensa o cansaço, o esforço e o medo de lidar com um vírus ainda desconhecido. "A essência da enfermagem é isso, o cuidado com o outro. Eu me sinto muito feliz de estar executando a minha profissão, que sempre foi um sonho. Eu me sinto honrada por ser linha de frente, por poder estar ajudando as famílias. A gente também precisa ser suporte não só ao físico, mas ao espiritual também. A enfermagem é holística, ela olha o ser humano como um todo. Eu me sinto muito feliz de ver pacientes bem, nos agradecendo pelo cuidado, é muito gratificante", destaca.



A profissional de saúde lembra dos primeiros momentos vivenciados no começo da pandemia, quando contou com o apoio de outras colegas para suportar a rotina extenuante sem desistir. "Eu estava recente no hospital, apenas nove meses, e foi um susto grande ter que lidar logo de cara com uma pandemia, foi um choque. Nós não tínhamos muita estrutura para atender a grande demanda no início. Muitas vezes, ficavam pacientes do lado de fora, que não conseguiam entrar. A gente presenciou óbitos na frente do hospital que a gente não pôde fazer o atendimento. Outra parte dolorosa de lidar com a doença foi ver que os pacientes não podiam ter acompanhante, muitos eram idosos, dependentes de cuidados. A gente teve que fazer toda essa assistência, mas nem sempre a gente tinha todo o suporte, foi realmente muito difícil. Fora o pânico de chegar em casa e contaminar algum familiar. Minha mãe e meu pai são idosos. Eu até pensei em mudar temporariamente, mas não foi possível. Eu acabei me contaminando, tive a doença de forma moderada em abril. Nós vimos muita coisa triste e nós nos apoiamos umas as outras", completa.

